

A GAZETA 19-02-89

27

Rio Branco-Ac., 19-02-89

A GAZ

EDITORIAL

Extremismos

O que anda acontecendo no Acre? Desapareceu para sempre o bom senso e a cordialidade nesta terra? Será que o único argumento que existe, agora, é a força, a violência, a ameaça, a intolerância? Pelo menos é este o painel que tem sido traçado em todos os confrontos sociais, que estão assumindo características antes nunca pensadas no Estado.

O caso das ameaças contra lideranças de Cruzeiro do Sul é mais um dado a se somar na escalada de violência no Estado e que se mostra intolerável para as pessoas de bem. Quem são estes novos donos do poder econômico que acreditam que podem moldar caracteres e opiniões, transformar toda a sociedade de acordo com seus mais mesquinhos interesses? Será que eles acreditam realmente que o dinheiro possa comprar as consciências e toldar a realidade, transformando o Acre em um quintal para suas ações irresponsáveis?

Isso tem que acabar. O Acre precisa conhecer a justiça, o império da lei, das relações sociais justas e dos conflitos resolvidos na mesa de negociação ou nos tribunais apropriados. Os que defendem esta violência brutal, gratuita, os que creem no poder do cano da arma e dinheiro para fazer valer argumentos enganosos precisam ser contidos em seus sonhos de grandeza.

Da mesma forma, os que estão do outro lado desta batalha desigual, necessitam, com urgência, unificar suas bandeiras e sua linguagem em torno dos temas realmente sérios e conter os radicais que já tentam se aproveitar da situação para obter irrisórios e efêmeros ganhos políticos com uma luta que é sobrevivência e de dignidade. É o caso desta ridícula e incompreensível proposta de intervenção federal, que seria cômica se não mostrasse um radicalismo infantil, dos mais perigosos, pois mexe com uma completa distorção na ordem democrática que ainda engatinha no país.

Mudar um governo de uma forma que não seja pelo voto direto e universal é a pior bandeira que qualquer grupo pode carregar. É uma violência tão grande quanto a que está sendo cometida contra seringueiros e lideranças tanto em Xapuri quanto em Brasiléia. O governo do Estado não tem sido omissivo e as próprias entidades sérias reconhecem o trabalho desempenhado. Se falhas existem, o caminho para a solução continua sendo o do diálogo e da reivindicação e, dentro do Governo, seringueiros, ambientalistas e líderes sabem que existem interlocutores qualificados e de confiança. É hora de unir forças contra a ameaça maior, que são os que se assentam sobre a esperança da impunidade para semear o terror no meio rural.